

A Hora da Estrela **Clarice Lispector (1977)**

Personagens

Macabéa, a protagonista: (...) vida primária que respira, respira, respira. (...) dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. (...) ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. (...) Não sabia que era infeliz. (...) Assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa delicada que se chamava encanto. (...) A única coisa que queria era viver. Não sabia para que, não se indagava. (...) A mulherice só lhe nasceria mais tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol. (...) sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por que, talvez porque o que é bom devia ser proibido. (...) Não se tratava de uma idiota, mas tinha a felicidade pura dos idiotas. (...) Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim.

Olímpio de Jesus Moreira Chaves, o namorado: O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. (...) mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. (...) No Nordeste tinha juntado salários e salários para arrancar um canino perfeito e trocá-lo por um dente de ouro faiscante. Este dente lhe dava posição na vida. Aliás, matar tinha feito dele um homem com letra maiúscula. Olímpio não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de cabra safado. Mas não sabia que era artista: nas horas de folga esculpia figuras de santos e eram tão bonitas que ele não as vendia. (...) vinha do sertão da Paraíba (...) nascera crestado e duro que nem galho seco da árvore ou pedra ao sol. (...) Ter matado e roubado faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra já lavada (...) seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser o outro.

Madama Carlota, prostituta e cartomante: Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida difícil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus, sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres (...) a polícia não deixa por cartas, acha que eu estou explorando os outros, mas, como eu já disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus. (...) Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

apanhava dele. Quando ele me dava uma surra e via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. (...) Ouvi dizer que o Mangue está acabando, que a zona agora só tem uma meia dúzia de casas. Em meu tempo havia umas duzentas. Eu ficava em pé encostada na porta vestindo só calcinha e sutiã de renda transparente.

Resumo

Macabéa nasceu em Alagoas, num ambiente de extrema pobreza. Órfã dos pais desde os dois anos de idade, foi criada por uma tia, única parenta sua no mundo, tão pobre quanto ela. Dessa tia a menina levou muitos cascudos na cabeça, forma que empregava a mulher para educar a sobrinha. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual ela que não se casara por nojo - como também porque achava seu dever.

Destituída de qualquer conforto, totalmente alienada do consumismo _o único desejo da menina era comer goiabada com queijo, prazer que quase sempre lhe era negado, por castigo.

A medida que crescia, Macabéa aprendia que "vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende". Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável. (observe a atualidade da crítica feita pela autora neste trecho) .Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. "Ela falava sim, mas era extremamente muda".

Não se sabe por que as duas vieram para o Rio de Janeiro, quando Macabéa tinha 19 anos. Um pouco antes de morrer a tia arranhou-lhe emprego de datilógrafa no escritório de uma empresa de representante de roldanas (observe que ironia existe aqui_ o parafuso dispensável vai trabalhar numa empresa que revende roldanas_ é a engrenagem perfeita!!!)

A moça passou a morar numa vaga de quarto compartilhado com quatro balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava numa região pouco nobre da cidade, próximo a prostitutas que serviam a marinheiros.

O chefe da firma, Sr. Raimundo Silveira, um dia lhe avisou com brutalidade que ia despedi-la porque ela errava demais na datilografia, além de sujar o papel. Com sua natural humildade ela respondeu se desculpando pelo aborrecimento causado. Surpreso com a reação, o chefe adiou a demissão, embora contrariado.

Macabéa tinha um sono superficial porque estava resfriada havia um ano. Tinha acessos de tosse que sufocava com o travesseiro para não acordar as colegas de quarto. Às vezes sentia fome antes de dormir e ficava meio alucinada pensando

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

em coxa de vaca. O remédio era mastigar e engolir papel. (Noto aqui já um traço do realismo fantástico tão comum aos escritores desta geração de 45).

Dessa forma defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos gastando pouco de sua vida para esta não acabar, (...).

Teria ela a sensação de que não vivia para nada?

Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu?

Assustou-se tanto que parou de pensar. (..) O luxo que se dava era tomar um gole de café frio antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar. (...) Vivia em tanta mesmice que de noite não se lembrava do que acontecera de manhã. (...) Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada.

Quando acordava se sentia culpada sem saber por que, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. (...)

Veza por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrinas faiscantes de jóias e roupas acetinadas - só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e, sofrer um pouco é um encontro. Domingo ela "acordava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada".

Ela era doída por soldado. "Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?"

Macabéa tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos. Gostava de filme de terror ou de musicais. Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava tiro no coração.

"Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. (retrato atual e típico da literatura contemporânea _ já neste livro a autora fez uma referência à rede de varejo Lojas Americanas e agora também salienta a marca Coca-cola de refrigerantes). Só então vestia-se, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia. Deixava o som bem baixinho na Rádio Relógio, "que dava hora certa e cultura". No intervalo entre as "gotas de minutos", havia anúncios comerciais. Ela adorava anúncios.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

A vida de Macabéia - ela possuía uma vida interior e não sabia disso - era cheia do vazio que enche a alma dos santos. Ela era uma espécie de santa. "Não sabia que meditava pois ignorava o que quer dizer a palavra. Mas sua vida era uma longa meditação sobre o nada. (Meditava enquanto batia à máquina, por isso errava ainda mais).

Contudo a moça tinha seus prazeres: às noites costumava ler à luz da vela os anúncios que recortava de jornais velhos do escritório. Gostava especialmente de um anúncio que mostrava um colorido pote aberto de creme para pele de mulheres. "O creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. Faltava gordura ao seu organismo. "Tornava-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária.

Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si. (Era apenas fina matéria orgânica. Existia, só isto).

Às vezes, ela sentia enjôo para comer. "Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha a grande fome. (Nunca havia jantado ou almoçado num restaurante. Era de pé mesmo no botequim da esquina).

Macabéia jamais havia ganho presentes. Um dia, viu um livro que o patrão, dado a literatura, deixara sobre a mesa. "Humilhados e Ofendidos". Ficou pensativa. Talvez tivesse se definido pela primeira vez numa classe social, Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?

Um dia em que quis descansar, inventou a mentira.

Nunca se sentiu tão contente. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. "Até deu-se ao luxo de ter tédio".

No dia seguinte, 7 de maio, sob uma forte chuva de final de tarde, encontrou um namorado. "O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos, E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo" (observe como aqui a associação entre o desejo da gula e da luxúria se complementam)

Ele a convidou para passear. O rapaz era do sertão da Paraíba e estranhou o nome dela, achando que parecia nome de doença de pele.

Na segunda e na terceira vez em que se encontraram também chovia. Perdendo a forçada educação que vinha mostrando, o rapaz disse para ela: "Você também só

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

sabe é mesmo chover!" "Desculpe", acrescentou a moça que já o amava tanto que não sabia como se livrar dele. Numa dessas vezes é que lhe perguntou seu nome e ficou sabendo ser Olímpico de Jesus (ele acrescentou Moreira Chaves, mentindo, porque tinha como sobrenome apenas o nome de Jesus, sobrenome dos que não tem têm pai). Fora criado por um padrasto.

Ele era operário de uma metalúrgica, transportava o dia inteiro barras de metal. Consequia até economizar algum dinheiro; dormia de graça numa guarita em obras de demolição, por camaradagem do vigia.

Olímpico gostaria de ser toureiro não tinha pena do touro, apreciava o sangue. Antes de vir para o Rio, tinha juntado economias até conseguir arrancar um canino perfeito, substituindo-o por um dente de ouro faiscante. Mantinha a esperança de ser um homem rico, poderoso e até deputado. Em sua terra fora o que se chama de "cabra safado", pois já havia matado um homem de que não gostava, nos cafundós do sertão, com um canivete.

Nas horas de folga esculpia figuras de santo, mas não as vendia por achá-las bonitas. Olímpico era macho de briga. Mas fraquejava em relação a enterros: às vezes ia três vezes por semana a enterro de desconhecidos, cujos anúncios saíam nos jornais. (...) Sempre que podia roubava alguma coisa, Matar e roubar davam-lhe certo "status". "Vingava-se dos poderosos desenhando caricaturas de seus retratos nos jornais".

"As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura e melado, Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância. (...) Os dois não sabiam inventar acontecimentos', Sentados no banco da praça, "nada os distinguia do resto do nada. Em seus diálogos curtos e inconsequentes. Macabéa relatava informações esparsas ouvidas na Rádio Relógio e Olímpico ou repetia seus sonhos de grandeza ou se irritava com ela. A única vez em que a moça falou de si própria na vida foi quando respondeu ao namorado que lhe perguntou se tinha preocupação: "Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida". Estava habituada a se esquecer de si mesma.

Certa vez, para se mostrar forte, Olímpico levantou Macabéa com um braço só; mas não aguentou por muito tempo. A moça caiu "de cara na lama, o nariz sangrando".

Mas era delicada e foi logo dizendo: Não se incomode, foi uma queda pequena. Ele passou vários dias sem procurá-la. Seu brio fora atingido. Depois retornou e chegaram até a entrar num açougue: o cheiro de carne crua a encantava e ele ficava fascinado com a faca amolada do açougueiro".

Macabéa não dava nenhuma despesa a Olímpico a não ser quando este lhe pagou um cafezinho pingado "que ela encheu de açúcar quase a ponto de vomitar

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

mas controlou-se para não fazer vergonha. O açúcar ela botou muito para aproveitar’.

Certa feita, os dois foram ao zoológico, ‘ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos.

Quando Olímpico viu Glória, a colega de Macabéia. apaixonou-se por ela. "Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice.

Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico". (Repare no nome do personagem_ representa a eterna loucura humana de alcançar os deuses).

Além do mais, era carioca, pertencente ao ambicionado clã do Sul do país "Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a material de primeira qualidade.

Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava em um açougue. Pelos quadris adivinha-se que seria boa parideira.

Enquanto Macabéia lhe pareceu ter em si mesma seu próprio fim’

Olímpico desmanchou o namoro com Macabéia para namorar Glória. "Diante da cara pouco inexpressiva demais de Macabéia, ele até que quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. E ao se despedir lhe disse. Você, Macabéia, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida? - Não, não, não! Ah por favor quero Ir embora! Por favor me diga logo adeus! (...)

A reação dela veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. (...) Ficaram rindo os dois aí ele teve uma intuição que finalmente era uma delicadeza perguntou-lhe se ela estava rindo de nervoso Ela parou de rir e disse muito, muito cansada: Não sei não..."

Macabéia procurou permanecer como se nada tivesse perdido. Não ficou triste nem desesperada: "ela era crônica".

No dia seguinte ao final do namoro, ela resolveu se dar uma festa: comprou sem necessidade um batom novo vermelho bem vivo. "No banheiro da firma pintou a boca até e até fora dos contornos para que seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe (mais uma referência ao mundo pop!)

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Glória riu-se dela. Você endoidou, criatura?"

"Depois tudo passou e Macabéa continuou a gostar de não pensar em nada. Vazia, vazia" Glória lhe perguntou "Por que é que você me pede tanta aspirina? (...) - É para eu não me doer tanto ! - Você se dói? - Eu me dão o tempo todo - Aonde? Dentro, não sei explicar. (.) - Um dia a pílula te cola na parede da garganta que nem galinha de pescoço meio cortado, correndo por aí"

Macabéa rezava indiferentemente e o misterioso Deus dos outros lhe dava, às vezes, um estado de graça. 'Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando. E também vira o disco-voador"

Às vezes a graça lhe pegava em pleno escritório. Então ela ia ao banheiro para ficar sozinha. De pé e sorrindo até passar; esse Deus era muito misericordioso com ela: dava-lhe o que lhe tirava"

Sua única conexão com o mundo restringiu-se a Glória, que não era amiga, só colega. Quando mais nova, Macabéa se conectava com o retrato de Greta Garbo. "Mas o que ela queria mesmo ser não era a altiva Greta Garbo cuja trágica sensualidade estava em pedestal solitário. Ela queria parecer com Marilyn.

O namoro de Olímpico e Glória ia bem. "Glória tinha um traseiro alegre e fumava cigarro mentolado para manter um hálito bom nos seus beijos intermináveis com Olímpico" Este não se arrependeu de ter rompido com Macabéa, pois seu destino era subir na vida. Glória compensou a colega por ter-lhe roubado o namorado convidando-a para uma refeição num domingo em sua casa, onde Macabéa se fartou de chocolate, biscoitos e bolo. No dia seguinte passou mal.

"Dias depois, recebendo o salário, teve a audácia de pela primeira vez na vida procurar o médico barato indicado por Glória. (...)

Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medicina era exatamente o que queria nada. Macabéa estava com começo de tuberculose pulmonar (mas também ela só comia cachorro quente, tomava café e coca-cola). O doutor lhe aconselhou comer espaguete e evitar álcool.

Palavras do médico no final da consulta, quando ela demonstrou não saber o que era espaguete e não entender o que ele queria dizer com evitar álcool: "Sabe de uma coisa? Vá para os raios que te partam!" A ninguém, nem a Glória contou acerca da consulta.

A colega havia garantido a Macabéa que ficara com Olímpico porque não queria desobedecer a cartomante, que era médium. Talvez por remorso, aconselhou à nordestina: "Por que você não paga uma consulta e pede pra ela te pôr as cartas?" E emprestou-lhe dinheiro.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Pela segunda vez, a moça tomou coragem, a pretexto de dor de dente conseguiu licença para faltar ao serviço. Não lhe foi difícil descobrir o endereço da gorda e exageradamente gentil madama Carlota, ex-prostituta, ex-cafetina, atual cartomante bem sucedida, moradora de apartamento próprio, fã de Jesus, "doidinha por Ele" que sempre a ajudou.

Mais falando de si mesma do que de sua "cliente", a cartomante concluiu: Mas, Macabeazinha. que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!" Resolveu, então, animar a pobre coitada. "Tenho grandes noticias para lhe dar:

Sua vida vai mudar completamente! (...) Até seu namorado vai voltar e propor casamento (...) e seu chefe não vai mais lhe despedir! E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro (...) Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. (...) Parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você!

"Num súbito ímpeto de vivo impulso, Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no mosto da madama. (..) Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar.

Saiu da casa da cartomante mudada. "Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro"

Ao dar o passo para descer da calçada, Macabéa foi atropelada por um luxuoso Mercedes amarelo, que fugiu, sem que o motorista prestasse socorro. Ela bateu na quina do meio-fio com a cabeça, que começou a sangrar. Tomada por uma espécie de delírio oco, observou que havia capim na rua. "O Destino tinha escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta" como se ela fosse "uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que Macabéa lutava muda. Então começou levemente a garoar_ Olímpico tinha razão ela só sabia mesmo era chover!

Os curiosos que se aproximaram nada fizeram "como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam. o que lhe dava uma existência"

"Ela se mexeu devagar b acomodou o corpo em posição fetal. (.) Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar eu sou, eu sou. eu sou. Teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. (..) Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais Deus? Sim? Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. Então ela pronunciou uma frase que ninguém entendeu: "Quanto ao futuro." Vomitou um pouco de sangue' Estava enfim livre de si e de nós. (...) Viver é um luxo. Pronto, passou."

COMENTÁRIO

"A Hora da Estrela" é, basicamente, o relato das fracas aventuras de uma moça alagoana "numa cidade toda feita contra ela":_ o Rio de Janeiro.

Clarice Lispector usa o recurso de criar um narrador-personagem: à medida que ele nos faz conhecer a protagonista, também conhece sua própria identidade.

Por que o narrador escreve? Para se compreender. Enquanto eu tiver perguntas para fazer e não houver resposta continuarei a escrever". Sua tarefa é "a procura da palavra no escuro". Evita tratar da felicidade: ela "provoca aquela saudade demasiada e lilás- (.) Eu não quero provocar porque dói.'

O narrador não tem classe social, é um marginalizado "Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado e não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria.-

Macabéa é, portanto. uma invenção do narrador que com ela se identifica e com ela morre.

Moída-a sobre o destino e a solidão dele mesmo. Cria-a de forma onisciente (= que tudo sabe) e onipotente (que tudo pode). Faz da vida dela uma aprendizagem da morte, pois declara: "A morte que é nesta história o meu personagem predileto'. Macabéa desejava ser estrela de cinema, admirava Greta Garbo e Marylin Monroe.

A morte a fez atingir seu objetivo: essa foi a hora da estrela..

De qualquer maneira, e apesar dos pesares, ou apesar do encontro marcado com o crepúsculo, a moça experimentou a antevisão da aurora - "a cartomante lhe decretara sentença de vida" e ela era 'uma pessoa grávida de futuro".

Ao ser colhida pelo Mercedes amarelo já havia assumido para sempre a felicidade impossível, num esforço sobre-humano que consistiu em mitificar o pesadelo em sonho". (Eduardo Portella).

Junto ao sangue de sua cabeça, nas pedras do esgoto, estava vivo um tufo de capim verde.

Macabéa é um substantivo coletivo, "a resistente raça anã teimosa", o Nordeste rural na sua difícil contracenagem com a engrenagem urbana, a cidade inconquistável. Ela é o grito no silêncio daqueles que estão marginalizados social e existencialmente.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet

Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

"A Hora da Estrela" apresenta dois núcleos de interesse a história de Macabéa e as reflexões do narrador. E, pois, um romance do tipo digressivo em que as opiniões do narrador fazem parte do enredo. As páginas iniciais são tomadas pelos comentários dele sobre a própria narrativa, é um texto de metalinguagem, isto é, muito preocupado com a investigação da natureza linguística do próprio texto.

O narrador assume três formas de presença: monólogo fio condutor da ação; relato puro e simples: palavras das personagens.

Na verdade, sofrendo de consciência culpada, Clarice Lispector se esconde na figura do narrador. Ele escreve no estilo que caracteriza a escritora: a palavra, material básico da narrativa "não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela".

Sem retórica (discursos eloquentes) e sem melodramas (impactos emocionais), o interior das personagens vai aparecendo e sensibilizando (é o que chamamos de epifania).

A consciência individual passa ao primeiro plano da narração. revelada de forma simples, profunda e poética.

Embora possa parecer alienada dos problemas sociais, Clarice Lispector neste livro denuncia todo o contexto social brasileiro e, por extensão, a injustiça no mundo. Ela apresenta a estrutura interna do ser humano massacrado. Com este processo, aparentemente de pura introspecção e de pura fabulação filosófica, ela questiona o mundo organizado e a cultura dominante, resgatando do preconceito os ofendidos e humilhados.

Em um de seus escritos ela deixou as seguintes palavras:

"Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir "arte", senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era "fazer alguma coisa, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar o escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele - e, sem me surpreender não consigo escrever".

Sua preocupação com o problema dos oprimidos confirma-se na dedicatória do livro, na qual Clarice Lispector registrou "Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública". Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma-dê"

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

Considerações Gerais

Este livro tem duas características fundamentais: a originalidade do estilo e a profundidade psicológica no enfoque de temas aparentemente banais. A linha condutora é a estória de um imigrante nordestino deslocado e perdido na grande cidade do Rio de Janeiro. Através desse personagem, descortina-se a pobreza "feia e promíscua" e ao mesmo tempo a singeleza de vidas tão pouco interessantes. A narrativa, cheia de digressões (que fazem lembrar o estilo machadiano), vai além da descrição realista de um cotidiano inexpressivo - questiona os valores da sociedade moderna, o papel social do artista contemporâneo e a própria existência humana. A Hora da Estrela transita entre o lado trágico e o lado esplêndido da vida, entre a fragilidade e a grandeza do ser humano. O tema da solidão tem a função de dar destaque às desigualdades sociais e ao enigma da vida, imprimindo novas perspectivas aos problemas e indagações que nos cercam.

Clarice Lispector

Vida

Nasceu na Ucrânia em 1925, mas passou a infância no Recife (seus pais se exilaram da Rússia e vieram ao Brasil quando Clarice tinha apenas dois meses de idade). Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929, estudou Direito e casou-se com um diplomata, com quem teve filhos e viveu muitos anos no exterior. Divorciou-se e, a partir de 1960, fixou-se no Rio, onde morreu em 1977.

Cronologia

Para esta cronologia, utilizamos como principal fonte Clarice, uma vida que se conta, de Nádia Battella Gotlib (editora Ática), que é a mais recente biografia da escritora (1995).

1920 - Provável nascimento de Clarice Lispector, a 10 de dezembro, em Tchechnick, distrito de Olopolko, na Ucrânia.

1921 - Chega com a família a Maceió.

1924 - Muda-se com a família para Recife.

1928 - Começa a freqüentar o grupo escolar João Barbalho, onde aprende a ler.

1930 - Cursa o terceiro ano primário no Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro.

1932 - Inicia o curso ginásial no Ginásio Pernambucano.

1935 - Muda-se com a família para o Rio de Janeiro, onde matricula-se no Colégio Silvio Leite.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

1937 - Inicia o curso complementar de Direito ministrado pela Faculdade Nacional de Direito.

1938 - Estuda no Colégio Andrews.

1939 - Ingressa na Faculdade Nacional de Direito.

1940 - Morte de seu pai e início de seu trabalho como redatora na Agência Nacional.

1942 - Trabalha como jornalista no jornal A Noite.

1943 - Casa-se com o embaixador Maury Gurgel Valente, e termina o curso de Direito. Publica seu primeiro romance, Perto do Coração Selvagem.

1944 - Perto do Coração Selvagem ganha o prêmio da Fundação Graça Aranha. Em agosto, muda-se com o marido para Nápoles.

1945 - O pintor italiano De Chirico faz um retrato de Clarice, e o poeta Ungaretti traduz alguns trechos de Perto do Coração Selvagem para a revista Prosa.

1946 - Publica o romance O lustre.
Muda-se com o marido para Berna, Suíça.

1948 - Em maio, termina o romance A Cidade Sitiada e, em setembro, nasce seu primeiro filho, Pedro.

1950 - Clarice retorna ao Rio de Janeiro com sua família. No final do ano, acompanha o marido numa viagem a Torquay (Inglaterra), onde permanecerá com ele e o filho por seis meses.

1952 - No Brasil, colabora com o jornal Comércio. Em setembro, muda-se com a família para Washington.

1953 - Em fevereiro, nasce seu segundo filho, Paulo.

1954 - Perto do Coração Selvagem é publicado em francês. Escreve vários contos.

1956 - Em maio, termina de escrever seu romance A Maça no Escuro.

1957 - Escreve o livro infantil O Mistério do Coelho Pensante.

1959 - A revista Senhor publica mensalmente seus contos.
Separa-se de Maury e fixa residência no Rio de Janeiro com seus dois filhos.
Mantém uma coluna no jornal Correio da Manhã.

Vestibular1 – A melhor ajuda ao vestibulando na Internet
Acesse Agora ! www.vestibular1.com.br

1960 - Publicação de seu livro de contos Laços de Família. Trabalha como colunista no jornal Diário da Noite.

1961 - Publicação de A Maçã no Escuro.

1962 - Em setembro recebe o Prêmio Carmem Dolores pelo romance A Maçã no Escuro.

1964 - Publicação do livro de contos A Legião Estrangeira e do romance A Paixão Segundo G.H.

1967 - Em agosto, inicia atividade como cronista no Jornal do Brasil, que durará até dezembro de 1973. Recebe o prêmio Calunga, da Campanha Nacional da Criança, pela publicação de O Mistério do Coelho Pensante. Em setembro, provoca acidentalmente um incêndio em seu apartamento, tendo sua mão direita gravemente queimada.

1968 - Entrevista personalidades na revista Manchete para a seção "Diálogos possíveis com Clarice Lispector". Em junho, participa, junto com outros intelectuais, de uma manifestação contra a ditadura militar. Publica seu segundo livro infantil, A mulher que matou os peixes.

1969 - Publicação do romance Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres.

1971 - Publicação do livro de contos Felicidade Clandestina.

1972 - Em setembro, o pintor Carlos Scliar faz dois retratos de Clarice.

1973 - Publicação de Água Viva.

1974 - Publicação do livro infantil A Vida Íntima de Laura e de dois livros de contos: A Vida Crucis do Corpo e Onde estivestes de noite?

1975 - Participa do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá (Colômbia).

1976 - Prêmio da fundação Cultural do Distrito Federal pelo conjunto de obra.

1977 - Publica A Hora da Estrela. No dia 1º de novembro, é internada na Casa de Saúde São Sebastião devido a um câncer no útero. Transferida para o Hospital do INPS da Lagoa (RJ), morre em 9 de dezembro.